



## Contexto histórico e biografia: exercícios de releitura de uma tese

Alexandre de Sá Avelar\*

Talvez de um modo impertinente, inicio com uma referência a uma obra ficcional. Em *Respiração artificial*, Ricardo Piglia (2010) narra o esforço de Marcelo Maggi, personagem que tenta, a todo custo, retrazar a vida de Enrique Ossorio, político que viveu na segunda metade do século XIX. Ossorio era bisavô de Esperancita, ex-mulher de Maggi, o que proporcionou ao desventurado biógrafo herdar um conjunto significativo de documentos pessoais do seu biografado. Os infortúnios da escrita biográfica são continuamente desnudados por Maggi em correspondências trocadas com Emilio Renzi, seu sobrinho. Numa passagem, Renzi revela o conteúdo de uma dessas cartas:

Na realidade, [...] por trás das polêmicas paródicas que travávamos de vez em quando, o que acabou se transformando no centro da correspondência de Maggi comigo foi seu trabalho sobre Enrique Ossorio. Fazia tempo que estava escrevendo aquele livro – e os problemas que encontrava começaram a permear suas cartas. Estou me sentindo como se estivesse perdido na memória dele, escrevia-me, perdido numa selva onde tento abrir caminho para reconstruir o rastro dessa vida entre os restos e os testemunhos e as notas que proliferam, máquinas do esquecimento. Sofro da clássica desventura dos historiadores, escrevia-me Maggi, embora não passe de um historiador amador. Sofro dessa desventura clássica: ter querido me apropriar daqueles documentos para decifrar neles a certeza de uma vida e descobrir que são os documentos que se apoderaram de mim e me impuseram seus ritmos e sua cronologia e sua verdade particular. (PIGLIA, 2010, p.22-23)

A crença na capacidade de apropriar-se da vida do personagem até ser apoderado por ele; a imersão em uma memória outra que produz a sensação de desorientação, de ausência de sentido ou de rumos incertos; a alteridade que se recusa a se tornar semelhança; a árdua batalhar para *re-presentar* a vida que não mais é do nosso tempo, que está depositada em registros esparsos, em fragmentos que são submetidos

---

\* Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Realizou estágio de pós-doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris). Pesquisador do CNPq Este artigo é uma versão modificada de um texto apresentado no Simpósio “Historiografias, Memórias e Personagens”, realizado na UNESP (Assis) em agosto de 2015. Sou profundamente grato ao Professor Wilton Silva pelo convite gentil e acolhida generosa.



forçosamente à condição de fontes documentais; a dolorosa constatação de que tais fontes podem ser mais aprisionadoras do que libertadoras; todas essas agruras, tão aguçadamente percebidas por um ficcionista talentoso como Piglia, remetem a questões centrais da reflexão epistemológica sobre as biografias escritas por historiadores e nos convidam a enfrentar, mais uma vez, e talvez ainda insuficientemente, o trânsito incômodo do gênero entre as expectativas de verdade e a fantasmagoria da ficção.

Deslocando a atenção para a historiografia, gostaria de referenciar, ainda que ligeiramente, os títulos de três trabalhos dos mais citados e comentados entre nós. Trata-se de *O desafio biográfico*, livro de François Dosse (2009) e os artigos *A biografia como problema* (1998), e *a biografia como problema historiográfico* (2010), de Sabina Loriga e Jacques Revel, respectivamente. Se admitirmos que os títulos revelam algum grau de autoconsciência, podemos concluir que, para estes autores, a legitimidade do gênero biográfico na atualidade parece sempre estar acompanhada de incertezas e desconfianças, expressas nos termos “desafio” ou “problema”. O estudo de trajetórias singulares, deste modo, se caracteriza pela incessante reafirmação de suas virtudes e importância, como se esta recorrente ênfase fosse necessária para afastar os olhares ainda reticentes dos historiadores. A biografia é um gênero de grande interesse exatamente por sua capacidade de desestabilizar as oposições entre o ser e o mundo, literatura e história, fato e ficção, sujeito e objeto. A instabilidade que caracteriza o desafio biográfico é traduzível em uma tese de história, por exemplo, cuja elaboração supõe o emprego de certas operações metódicas, controladas por uma corporação acadêmica? A biografia pode ser, enfim, uma modalidade de escrita da história?

Ao longo de quase uma década, investi consideráveis esforços intelectuais na tentativa de compreender possíveis respostas para estas questões, assumindo para mim mesmo o papel de um dedicado analista teórico e não de um biógrafo propriamente dito. A exceção, eu costumava dizer, era o estudo da trajetória do general Edmundo de Macedo Soares durante o doutorado (Avelar, 2006), o mais próximo que havia chegado da tentativa de esquadrihar uma vida, de apresentar seus contornos e suas formas de tensão com os espaços sociais variados nos quais se inseriu. A indagação que quase sempre surgia era, portanto, sobre as razões pelas quais a tese não fora publicada. Mais como autoengano do que como uma resposta convincente, eu imaginava que seria necessário um período mais longo de distanciamento em relação ao personagem, algo



que ainda não havia ocorrido. A necessária e talvez a verdadeira ilusão biográfica – aquela em que o biógrafo imagina estar no controle da vida do biografado – era ainda um espectro a me rondar e funcionava como um freio ao ímpeto de querer ver a tese publicada. As revisões necessárias à edição em formato de livro, os retornos forçados às páginas que tão duramente foram escritas e olhar retrovisor para aquilo que já havia ficado pelo caminho provocavam apreensões. Os rituais de lançamento de uma obra são ocasiões em que, não raro, os autores são convidados a realizar exposições mais ou menos breves sobre o livro, suficientes, entretanto, para despertar interesse em potenciais leitores e algum debate intelectual. A minha recusa poderia ser explicada, então, pelo temor de que uma releitura pudesse exibir um conjunto pouco tolerável de lacunas, zonas cinzentas e mesmo de outras possibilidades de análise as quais, com o passar do tempo, se mostrassem mais interessantes.

O que leva um historiador, quase uma década após defender sua tese, a refazer os caminhos da pesquisa, reconstruir os elementos que constituíram o edifício do seu trabalho e retomar velhas questões que, por algum tempo, permaneceram uma incômoda latência? A expressão de uma crise de identidade intelectual ou um movimento consciente de elaboração do pensamento que, por decerto, jamais poderá permanecer infenso às reconfigurações e às transformações pelas quais qualquer domínio do saber inevitavelmente conhece?

Acredito que tenho encontrado respostas para este movimento de releitura em algumas passagens de Susan Sontag, autora cuja exuberância intelectual sempre me fascinou e que, penso, deveria também fascinar outros historiadores. Em um texto curto, presente na coletânea de ensaios *Questão de ênfase*, Sontag (2005, p. 335) afirma que “escrever é praticar, com uma intensidade e uma concentração singulares, a arte de ler. Escrevemos a fim de ler o que escrevemos, ver se está bem e depois, como nunca está, é claro, reescrever – uma vez, duas vezes, quantas vezes forem necessárias para que se torne algo que suportemos ler e reler”. Reler como reescrita é aqui um espaço de reflexão que não pretende reafirmar a vitalidade de todas as questões levantadas na tese ou propor uma total subversão do texto original, como se ele devesse ser inteiramente decomposto, fragmentado para que, a partir daí, pudesse emergir novos modelos de reformatá-lo. A releitura cerrada funciona como uma prática crítica que visa produzir tensões em um escrito que, inevitavelmente, só poderá ser compreendido se tomá-las em



conta. Em suma, um exercício que não deslize nem para a repetição autolaudatória nem para a negação pouco autocomplacente. Acredito, como o faz Susan Sontag (2005, p.337) para a escrita, que a releitura

é uma série de permissões que damos a nós mesmos para sermos expressivos de determinadas maneiras. Para inventar. Para saltar. Para voar. Para cair, para encontrar nossa maneira própria e característica de narrar e de persistir: ou seja, de descobrir nossa própria liberdade interior. Para sermos rigorosos sem sermos demasiado autopunitivos.

Elaborar narrativamente as próprias experiências de pesquisa quase sempre é um interdito aos historiadores, ainda que, sem dúvida, tenhamos bons exemplos deste discurso autobiográfico, como o já conhecido *Ensaaios de ego-história* (Chaunu et al, 1989). Entre nós, as exigências de produção de memoriais acadêmicos como requisitos para a ascensão dentro da carreira do magistério superior público, mormente para o cargo de professor titular, têm levado vários historiadores a se debruçarem sobre a própria trajetória, ainda que dentro dos limites claramente estabelecidos pelas normas regulatórias deste tipo de procedimento administrativo.(SILVA, 2015) No caso de historiadores que escreveram biografias, as memórias das investigações são ainda mais escassas, excetuando alguns textos essenciais, como os de Vavy Pacheco Borges (2009) e Adriana Barreto de Souza (2012). Refazer os próprios caminhos de pesquisa significa, nas palavras de Scarlet Marton (2004, p.10), “trazer à cena circunstâncias históricas, levantar questões, discutir perplexidades”.

O interesse pelo General Edmundo de Macedo Soares nascera durante a dissertação de mestrado, defendida em 2001 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, era minha preocupação compreender como a política econômica e a política exterior, durante o primeiro governo Vargas, objetivaram produzir uma transformação profunda na ordem capitalista brasileira a partir do crescimento da produção industrial (Avelar, 2001). Com esta hipótese, eu pretendia oferecer uma crítica a algumas interpretações clássicas sobre a economia do período, especialmente aquelas de Celso Furtado (1997), que, em linhas gerais, condicionaram a industrialização daquele período à força dos choques externos e às políticas de salvação do café. Eu tentava demonstrar que a política econômica de Vargas não poderia ser reduzida a um conjunto de respostas à crise do setor exportador, mas também era constituída por medidas deliberadamente pró-indústria, o que exigia ainda a



mobilização da chancelaria em meio a um cenário internacional de crescente polarização entre os regimes democráticos e o nazi-fascismo e que era interpretado como potencialmente vantajoso aos planos brasileiros. O nó górdio da dissertação era um capítulo dedicado ao plano siderúrgico brasileiro, concretizado com a constituição da Companhia Siderúrgica Nacional, na cidade de Volta Redonda. A investigação de todo o processo que culminou na concretização da tão sonhada indústria de aço elucidava os elos que eu estabelecera entre política econômica e política exterior, pois expressava, simultaneamente, a realização de uma política de planejamento industrial bem sucedida e a eficácia pragmática da chancelaria brasileira, habilmente capaz de se aproveitar das brechas abertas pela polarização entre Estados Unidos e Alemanha.

O militar e engenheiro metalúrgico Edmundo de Macedo Soares era um dos atores decisivos da construção da usina de Volta Redonda, sendo bastante ativo tanto na montagem do projeto técnico quanto nas negociações no exterior, quando tomou parte da comissão que, após extensas conversas, obteve o financiamento público do governo norte-americano. De início, chamava a atenção a aparente desconexão entre o protagonismo de sua atuação e a baixa patente que ocupava no Exército. Macedo Soares, um simples major, era recebido pessoalmente por Vargas e por figuras relevantes do mundo econômico. Esta ascensão se tornava mais intrigante após ter tomado contato com alguns textos de Macedo Soares produzidos quando ele integrava o Círculo de Técnicos Militares, uma organização que reunia, no interior do Exército, diversos oficiais de baixa patente dedicados a estudar os problemas da economia nacional e a propor soluções que alavancassem a indústria. Esta organização nunca alcançara grande expressão dentro das Forças Armadas e era sabidamente derrotada nas disputas internas. Como poderia sair dali um militar que se notabilizaria também pela sofisticação intelectual, numa média muito acima dos seus pares?

A pesquisa nos arquivos de Vargas e do próprio Macedo Soares, depositados no CPDOC, na cidade do Rio de Janeiro, aguçava meu interesse. O personagem deixara diários e registros diversos, nos quais, muitas vezes, as opiniões pessoais chocavam-se com as posições oficiais que deveria defender por conta de sua vinculação ao governo Vargas. Além disso, sua extensa produção intelectual, articulada a distintos locais de fala, como a Confederação Nacional da Indústria e o IHGB, abria-se como um registro precioso para apreender como uma parcela da ascendente burguesia industrial pensava



os grandes temas nacionais. Macedo Soares falava por essa burguesia. Este era um personagem que não poderia deixar de ser sistematicamente mais explorado. A quase absoluta ausência de trabalhos sobre ele funcionava como mais um elemento de estímulo para um possível projeto de doutorado que, para além destas impressões bastante gerais, nada possuía de mais substancialmente concreto. Se a importância de Macedo Soares não suscitava qualquer embaraço ou dúvida, a ideia de uma biografia era ainda distante, especialmente pelo fato de que as reflexões então mais recentes sobre o gênero eram por mim quase totalmente desconhecidas.

Aproximei-me definitivamente do tema da biografia através de um livro decisivo naquele momento de preparação para o doutorado. A coletânea *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*, organizado por Benito Bisso Schmidt (2000), com seus textos variados que abrangiam desde debates teóricos até abordagens de trajetórias específicas, se constituiu numa das referências mais imediatas do projeto de tese que seria apresentado efetivamente como uma proposta biográfica. O ano era 2001.

Ao decidir-me por investigar a vida de Macedo Soares, era inevitável o confronto com uma memória ativamente forte em Volta Redonda, minha cidade natal. Edmundo de Macedo Soares era um construtor, um dos grandes idealizadores da Companhia Siderúrgica Nacional, um homem comprometido com a transição para uma economia industrial forte e particularmente zeloso com a vida pública. A aura progressista era, evidentemente, demarcada pelas suas opções em matéria de política econômica e sua passagem como ministro de um regime ditatorial era um registro quase totalmente estranho ao monumento em que sua memória se transformou. Tomá-lo como um pensador de uma forma autoritária de organização socioeconômica era provocar fissuras e tensões em uma matriz discursiva que estava próxima do caráter extraordinário do grande homem. Reconheço, de algum modo, semelhanças em relação às estratégias adotadas por Adriana Barreto de Souza ao biografar o Duque de Caxias, em especial em sua faceta de chefe político. Ela também se deparara com uma memória monumental que definia identidades políticas e potentes discursos sobre o passado. (Souza, 2008). Assim como ela, procurei explicitar as operações historiográficas que realizei e as referências nas quais me sustentei, além de definir com precisão o contexto a partir do qual Macedo Soares teria seu lugar de fala. Estas operações evidentemente significavam certas escolhas intelectuais que se davam em detrimento de outras.



Ao longo do primeiro ano do curso de doutorado, tornava-se cada vez mais remota a ideia de escrever a biografia que planejava. Havia o temor, também compartilhado pelo orientador, de que o prazo de que efetivamente disporia para pesquisa e escrita da tese fosse insuficiente para abarcar a vida do personagem. Macedo Soares vivera por 88 anos e a longevidade sempre fora um tormento para os biógrafos. Quando o Professor Geraldo Beauclair, por razões de saúde, deixara de me orientar, o Professor Carlos Gabriel, novo orientador, mantivera a concordância em relação ao desatino da empreitada. Era, portanto, necessário estabelecer novos recortes para a pesquisa e circunscrever a abordagem a domínios mais restritos da vida de Macedo Soares. Como a grande parte dos historiadores-biógrafos, a escolha em estudar a trajetória de Macedo Soares era facilmente justificável pela representatividade que este personagem carregava. Como afirma John Milton Cooper Jr,

há muitas razões pelas quais as pessoas escolhem seus sujeitos e escrevem suas biografias. Para mim e para minha corporação acadêmica, há sempre a exigência que nossos sujeitos tenham relevância histórica e que iluminem aspectos importantes sobre o tempo em que viveram e os eventos nos quais participaram. Isto é para o historiador o equivalente à necessidade do biógrafo literário de escolher um personagem que atenda aos padrões de significância estética e cultural. (COOPER JR, 2004, p.81)

Ao apresentar as razões da escolha de dois militantes operários gaúchos do início do século XX, Benito Bisso Schmidt, ainda que se mantivesse atento aos movimentos individuais que denotavam quebras das homogeneidades, apontava que, ao biografar seus personagens, desejava também compreender o que é “ser socialista” no início da República (Schmidt, 2004, p.25).

Estes dois exemplos, de reconhecidos biógrafos, conduzem-nos para a reflexão sobre os caminhos nem sempre nítidos dos usos da biografia. Ainda neste sentido, considero de grande importância as considerações de Adriana Barreto de Souza. São suas palavras:

Ainda predominam dois usos da biografia: a biografia representativa e o estudo de caso. Os dois, no entanto, acabam negando o próprio biográfico como lugar de produção de uma escrita da história. A escolha de uma trajetória de vida pelas pesquisas que trabalham com a ideia de representatividade ocorre em função não do que há de singular nessa trajetória. Seu valor está no fato de sintetizar várias outras biografias, presentes no texto por meio apenas de números e quadros estatísticos. Dessa forma, o que legitima seu estudo continua sendo procedimentos clássicos da história social, pautados na generalização. Daí o termo, representativo. [...]



O trabalho com a ideia de estudo de caso valoriza ainda menos o biográfico como lugar de produção de um discurso histórico. O nome define bem o procedimento adotado. Primeiro, se procede a uma análise macroestrutural para, só depois, quando já estão elaborados seus quadros explicativos, ter início a análise biográfica. Sua função, assim, é unicamente ilustrativa. (Souza, 2003, p.96)

Ressaltar a produção intelectual de Macedo Soares e seus nexos com certa leitura da modernização brasileira isentava-me, pensava, da temível tarefa biográfica. Enfim, tratava-se de perscrutar esta vasta produção, dispersa em inúmeros artigos, conferências, notas, aulas e livros. Se ainda era necessário compreender as múltiplas posições que o personagem ocupou, em termos de uma dialética entre projeto e campo de possibilidades, para usar os termos consagrados de Gilberto Velho (1994), as incursões em direção ao debate mais recente sobre as relações entre história e biografia mantinham-se úteis na medida em que permitia lançar luzes sobre a era desenvolvimentista no Brasil. Através de Macedo Soares, portanto, deveria ser possível acessar o acelerado processo de aceleração do nosso capitalismo tardio, marcado por intensa industrialização, avanço no crescimento urbano e forte concentração de renda. Era a trajetória intelectual de um dos mais ativos agentes desta modernização conservadora que me interessava. A tradição do pensamento autoritário brasileiro era outra zona de interesse, pois Macedo Soares parecia sugerir, com sua trajetória pública e reflexão intelectual, a convergência entre práticas antidemocráticas e desenvolvimento econômico, exatamente em função de sua postura simultânea de negação da política e de valorização da técnica e da ciência como os eixos capazes de guiar uma nação em direção ao progresso. Transitando por quase todas as transformações da vida político-institucional brasileira ao longo do século XX, Macedo Soares não demonstrava desconforto em ser ministro de Dutra e Costa e Silva ou mesmo de nutrir aberta admiração intelectual por Luís Carlos Prestes, de quem fora colega no Colégio Militar, no Rio de Janeiro. Era importante, desde o início, não deixar me iludir pelo personagem e, neste sentido, procurava examinar diferentes redes políticas e espaços institucionais frequentados por Macedo Soares, os quais, por seu turno, ajudaram a compreender a ressonância por ele alcançada, ainda mais considerando que, quando se tornara um conhecido especialista em metalurgia e um dos grandes formuladores do projeto siderúrgico brasileiro, era ainda um militar de baixa patente.



A preferência por um estudo de trajetória intelectual não me afastava, contudo, como já assinalado, das preocupações propriamente biográficas. A representatividade que havia encontrado nos textos e falas de Macedo Soares inseria-me na tradição francesa, fortemente marcada pela ideia de que a singularidade de um indivíduo só merecia ser estudada se, através dela, pudéssemos compreender o funcionamento de um grupo ou de um sistema de regras e condutas. Esta biografia “modal”, para usarmos a categoria extraída da tipologia de Giovanni Levi, (1996) recebera de minha parte a denominação de “história social da biografia”. Eu dizia não fazer uma biografia, mas, logo na introdução, dedicava longas páginas a retrazar o percurso que trouxe de volta o gênero biográfico ao centro das reflexões dos historiadores!

A ideia de trajetória, como pensada na tese, articulava-se, portanto, com a proposta de ler a produção de Macedo Soares como fio condutor ou acesso privilegiado à compreensão do processo de consolidação do capitalismo industrial no Brasil e de sua correlata ideologia desenvolvimentista (Avelar, 2006). Esta escolha se deu em oposição a uma estimulante leitura, inspirada em um conhecido artigo de Ginzburg e Carlo Poni (1989), que enfatiza a trajetória de um indivíduo justamente sob o ângulo oposto: aqui ela é capaz de romper com as homogeneidades e o excesso de coerência do discurso histórico através de uma redução da escala de análise. Deste modo, o historiador pode percorrer os caminhos traçados pelos indivíduos a partir das relações que eles construíram em distintos espaços e tempos, ou seja, há uma passagem dos modelos abstratos de descrição do social para os mecanismos de interação. Ao explicar a incorporação, em sua tese, deste conceito mais flexível de trajetória, Adriana Barreto sugere outro *insight* bastante estimulante. Segundo a autora.

Mas a ideia de Ginzburg e de Poni, de transformar o “nome” em uma espécie de bússola que guiaria o historiador pelos arquivos, também é válida para o momento final da pesquisa, o de elaboração de uma escrita. É claro que sua legitimidade depende de uma flexibilização das regras de organização do discurso historiográfico, principalmente daquelas que tendem a fechar a história em grandes mosaicos ou sistemas explicativos. Feito isso, narrar uma *trajetória*, sendo esta entendida como uma brecha de acesso ao passado, pode nos oferecer outros meios para pensar questões mais gerais, relativas a relações familiares, à formação escolar-acadêmica, e a estratégias de socialização e de ação no mundo. (Souza, 2012, p.120)

A representatividade de Macedo Soares como “intelectual orgânico” do modelo desenvolvimentista não implicava, obviamente, tomá-lo como a síntese absoluta de um



pensamento que era largamente compartilhado pelo conjunto social. Isso fazia lembrar que uma trajetória apresentava caracteres de tipicidade e de singularidade, revelando aproximações com determinados grupos e quadros sociais e afastamento em relação a outros. Basta relembrar aqui o pertencimento de Macedo Soares ao já mencionado Círculo de Técnicos Militares e a posição pouco expressiva que esta organização deteve no interior das Forças Armadas.

Ao postular que a modernização brasileira era a realidade histórica a ser explicada através do estudo da trajetória político-intelectual de Macedo Soares, eu assumia o claro risco de forjar uma visão excessiva rígida e formal de contexto histórico. As várias matrizes do conceito de modernização e suas aplicações à realidade nacional ganharam um capítulo todo, definindo o cenário ou o palco sobre o qual Macedo Soares atuaria nos momentos seguintes. Estava estabelecendo, evidentemente, uma estratégia narrativa que condicionaria toda a tese. Ao deixar claro ao leitor o que pretendia explicar, a trajetória do meu personagem se realizava, dotava-se de sentido e unicidade, cuja expressão conceitual eu encontrava na noção de “intelectual orgânico”, extraída de Gramsci para quem

todo grupo social, nascendo no terreno orgânico de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 2002, p.15)

No plano narrativo, a tese não poderia deixar de espelhar o que já havia assumido como a condição histórica de Macedo Soares, O primeiro capítulo, como já mencionado, abria-se para uma exegese historiográfica da multiplicidade de significados atribuídos ao termo “modernização” que, para o caso brasileiro, era associado a um substrato conservador. Naquela ocasião, foram decisivas as propostas de Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira, para os quais a modernização ocorrida nas décadas de 20 e 30, no Brasil, poderia ser vista “como um conjunto de procedimentos e hábitos internalizados, de questões/problemas (não necessária a inteiramente conscientes por parte dos que os atualizam) capazes de mobilizar “obsessivamente” e de orientar as reflexões de uma época e de uma geração”. (Herschmann e Pereira, 1994, p.11)



Para esta geração, a tarefa de definir discursivamente o que era o moderno e o arcaico fundava-se em uma visão fatalista e teleológica do processo histórico, cujo destino era a eliminação da distância que nos separava das nações desenvolvidas. A certeza desse devir era alimentada pelo crescente desenvolvimento da técnica, e das profissões, como a engenharia. Pensar sobre os caminhos do crescimento, sobre as necessidades de reforma material e moral da nação e sobre os grupos sociais capazes de dirigi-la mobilizava uma expressiva parcela da intelectualidade brasileira.

O segundo capítulo era o mais biográfico da tese e estava recortado entre o nascimento de Macedo Soares e sua plena inserção como um dos protagonistas do projeto siderúrgico brasileiro durante o governo Vargas. Este período constituía-se em um momento decisivo de acumulação de capital político e simbólico para a atividade intelectual de Macedo Soares, que forjaria o tema dos três capítulos seguintes. Eram os anos de “formação de um intelectual orgânico” nos quais as bases do pensamento do personagem foram se solidificando. Não é forçoso reconhecer que as experiências das quatro primeiras décadas de vida de Macedo Soares foram organizadas com o objetivo de apresentá-las como as condições de possibilidade para a edificação de uma obra que se interrogava sobre os grandes dilemas do nosso atraso econômico.

Estava então Macedo Soares formado como um “pensador orgânico”. A partir de então, sentia-me autorizado, finalmente, a explorar sua trajetória intelectual e sua atuação política ao longo do restante da tese. A escrita e a narração eram questões que não pareceram significativas naquele momento, e pouco me interrogava sobre como a ordenação dos capítulos se conformava a um perfil que poderia ser inteiramente subvertido se outras fossem as minhas estratégias de contar sua vida. As evidências por mim recolhidas foram peças que se colocaram em uma narrativa cujo desfecho estava longe de ser um mistério para o leitor. A inscrição textual do esforço morfológico de retrair o passado era uma evidência que espelhava, quase limpidamente, a aspiração de compreender a era desenvolvimentista no Brasil. Detenho-me mais um pouco nos dilemas da composição escriturária da biografia.

O caráter “problemático” da biografia está, a meu ver, marcado, entre outras razões, pela própria dificuldade dos historiadores em conceber a escrita como uma dimensão incontornável do seu trabalho e ato performativo. Blanchot (1927, p.20) fala na escrita como eterno recomeço, como passagem do Eu ao Outro. É no ato da escrita



que se forma o espaço privilegiado para a investigação das relações e fronteiras entre ficção e história. O discurso da história enfatiza a presença de uma ausência que pode ser documentada e referenciada no real. A verdade, sob essa lógica, é delimitada à verdade do “passado” e, se não é possível estar imune às forças do presente, deve-se mantê-la a maior distância possível, o que implica, ainda, a distância e a objetividade como valores epistêmicos do bom historiador. Ao expor as razões pelas quais decidiu investigar seu biografado, o biógrafo não tenta delimitar uma distância, não estabelece um contrato de leitura com seu público, sustentado em uma separação em relação ao personagem cuja vida será narrada? François Dosse assinala duas sérias contradições inerentes à biografia. Sua competência e seu discurso tendem a ocultar ou mascarar os fundamentos ideológicos do seu projeto. A outra contradição, ainda menos percebida, é a de que o resgate de uma vida só poderia ser pleno com base em uma visão totalizante, impossível de ser alcançada pelo texto forçosamente lacunar do biógrafo. Daí, para Dosse, a tendência ao psicologismo, “para tapar buracos, dando ilusão de resgatar a plenitude da pessoa” (Dosse, 2009, p.96)

Como nós, nossos personagens existiram concretamente no mundo, deixaram vestígios de sua passagem, teceram relações com o passado e com o futuro. Recompôr esses passos equivale a uma prática de pesquisa, que compõe, ao lado da escrita e do lugar social de produção do conhecimento histórico, a conhecida operação historiográfica. Mas perceber “a operação que faz passar da prática investigadora à escrita” torna-se uma questão de máxima importância na medida em que a história ocidental é uma história escrita, uma historiografia. Restituir uma vida é ambição que dá sentido ao trabalho biográfico, mas também é sua aporia maior. A delimitação da temporalidade adequada para compreendermos a vida de um sujeito poderia ser outra questão a ser lançada. A biografia pressupõe que um personagem só possa ser convincentemente estudado se nosso recorte temporal recuar até o seu nascimento para, a partir daí, seguirmos seus passos. Falar de alguém desde a sua infância até a vida adulta significaria compreendê-lo melhor do que, por exemplo, se estudássemos um único dia de sua existência? A dilatação temporal é indício seguro de conhecimento do passado ou se trata de uma noção moderna de tempo histórico que talvez necessite ser reavaliada em nossa época?



Espera-se de uma biografia a comprovação documental da descrição da vida do personagem e o seu registro em quadros contextuais que o localizem, emprestando sentido às suas ações e feitos. No alinhamento a uma concepção que valoriza tanto a veracidade extraída das fontes quanto a força imaginativa da narração, as noções de contexto e documento, tradicionalmente empregadas pelos biógrafos, conformam uma temporalidade dialógica e intempestiva que explora o passado de maneira tal que ele não atua simplesmente como causa ou precedente do presente, mas se mostra disposto a invadir, alarmar, dividir e desapropriar o lugar em que o atual se determina como futuro. (Pinto e Valinhas, 2010, p.11)

Os historiadores quase sempre tomam o contexto como a moldura de referência histórica que conforma o texto, este entendido como expressão recuperada e comprovadora das experiências humanas no passado. O contexto produz, deste modo, efeitos de realidade. O texto testemunha o que houve antes dele e que existiria sem ele. O risco, para uma biografia, é uma supervalorização do contexto como instância explicativa. Uma possível saída é aquela apontada por Dominick LaCapra (1983), para quem a própria noção de contexto ou de realidade está implicada num processo textual. A textualidade não é uma chave analítica restrita ao livro ou à esfera semântica. Ela cobre as estruturas ditas reais – econômicas, sociais e políticas. É impossível recompor a plenitude de um contexto, pois ele é ilimitado. Assim, lembra LaCapra: não se trata de suspender todos os referenciais ou de postular a existência de indivíduos vagando sem contexto. Texto e contexto são suplementares entre si, se adicionam, substituindo e suprimindo faltas e ausências mutuamente, fornecendo o excesso que é preciso ao processo de interpretação. (LaCapra, 1983, p.26)

Seguindo por esse caminho, somos conduzidos a perceber que o documento, tal como já mostrara Le Goff (2013), é monumento e não há algo como um documento-verdade. O que está presente no documento – seu aspecto informacional – mescla-se com o que não está ou com o que poderia ter estado. O que nele há se combina com o desejo do que poderia estar. Por isso, mais uma vez, deve o biógrafo ter cautela ao estabelecer um contexto que demarca o palco de atuação de seu personagem e dos outros que o cercam. Recortar um contexto é mutilá-lo, pois define um limite que não existe. Ele se torna muito mais estimulante se engendrar, por sua imbricação com o texto, um diálogo criativo com o leitor, fazendo-o perceber que o significado de uma



vida é um misto do registro factual de experiências com a força imaginativa do biógrafo.

Iniciar este texto com uma referência a uma obra ficcional não foi um mero floreio retórico para introduzir uma argumentação de fundo ou a abertura sofisticada que pudesse cativar os leitores mais suscetíveis aos fascínios da narrativa literária. Trata-se, sobretudo, de uma preocupação epistemológica e, de algum modo, também estética: a alegação tão corriqueira de que a biografia é um gênero híbrido, a meio caminho entre a história e a ficção, impõe quais desafios para a compreensão do passado? O que esta fórmula difusa quer dizer? A dimensão ficcional da biografia está presente sob quais aspectos? No uso da imaginação? Na incorporação de figuras de linguagem e recursos narrativos?

Como perguntas historicamente constituídas, suas respostas variaram ao longo do tempo e meu admitido interesse pelo uso das formas literárias pelos historiadores e as maneiras pelas quais o texto literário, como já afirmara Barthes (2005, p.18), funciona como a correção da distância entre a dureza da ciência e a sutileza da vida seria apenas o esboço de mais uma resposta. Autores como Piglia, já mencionado nas páginas anteriores, ou Sebald (2008), com sua escrita digressiva pontuada pelo gosto da pequena escala, dos detalhes cotidianos, das memórias e das biografias, são as sombras que pairam por este ensaio que pretendeu revisitar alguns aspectos de um gênero impuro e híbrido como é a biografia através do exercício de releitura de uma tese de doutorado não publicada. Não há problemas, pois como já assinalado por Jacques Bouveresse (2008), a função da literatura não é justamente revelar essas zonas cinzentas e opacas inacessíveis às ciências humanas? Deixo para o leitor a especulação sobre a possibilidade de a biografia ser uma dessas zonas.

A tese, possivelmente, estará fadada a permanecer restrita ao seu já diminuto círculo de interessados, que poderá ser elevado se aí incluirmos, para lembrarmos Marx, a solene crítica roedora dos ratos. Mas antes que este possível destino se confirme, terei me antecipado ao realizar essa releitura, que é também nova escrita e também um esforço de atualização daquela hermenêutica desassossegada que o gênero biográfico é capaz de suscitar. A esperança é de que tanto para mim quanto para os desavisados leitores, as releituras e reescritas sigam alimentando nosso desejo de compreender o outro que, afinal, é a razão primeira e última de toda biografia.



Referências bibliográficas:

AVELAR, Alexandre de Sá. *A modernização brasileira no pensamento do general Edmundo de Macedo Soares (1937-1987)*. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. *Diplomacia e política econômica entre 1930 e 1941: a formação da Companhia Siderúrgica Nacional*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

BARTHES, Roland. *Aula*. 11.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BLANCHOT, Maurice *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORGES, Vavy Pacheco. *Em busca de Gabrielle*. São Paulo: Alameda, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BOUVERESSE, Jacques. *La connaissance de l'écrivain. Sur la littérature, la vérité & la vie*. Marseille : Agone, 2008.

CHAUNU, Pierre et al (orgs.). *Ensaaios de ego-história*. Lisboa : Edições 70, 1989.

COOPER JR, John Milton. Conception, conversation and comparison : my experiences as a biographer. In : AMBROSIUS, Lloyd. E. (ed.). *Writing biography : historias & their craft*. Lincoln : University of Nebraska Press, 2004, p.79-102.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. O nome e o como. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.169-178.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Organização de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v.2.

HERSCHANN, Micael M e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). O imaginário moderno no Brasil. In: *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. São Paulo: Rocco, 1994, p.9-42.



- LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.167-182.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p.225-249.
- MARTON, Scarlett. *A irrecusável busca de sentido*. Cotia: Ateliê Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. *Respiração artificial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- PINTO, Aline Magalhães e VALINHAS, Mannuella Luz de Oliveira. Historicidade, retórica e ficção: interlocuções com a historiografia de Dominick LaCapra. **Revista Rhêtorikê**, n.3, p.1-18, jun.2010.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010, p.235-248.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.
- SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- SEBALD, W.G. *Austerlitz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, Wilton Carlos Lima da. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigação da escrita. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v.7, n.15, p.103-136, maio/ago.2015.
- SONTAG, Susan. A escrita como leitura, In: *Questão de ênfase: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.335-341.
- SOUZA, Adriana Barreto de. *Dique de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o Duque de Caxias. **História da Historiografia**, n.9, p.106-128, ago.2012.

SOUZA, Adriana Barreto de. Trajetórias militares, política imperial e escrita da história **Métis: história & cultura**. Caxias do Sul, v,2, n,3, p.95-108, jan/jun.2013.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.